# CRÓNICA

# EXTRATERRESTRE

(versão resumida de “Crônica da Mais Fantástica Viagem”, do livro “Efabulações de Aprendiz”)

**José Guilherme Correa**

1a. edição

Rio de Janeiro - Brasil

2016

# CRÓNICA EXTRA-TERRESTRE

_É dali que eu venho...

Tracei na imaginação um Rio de Janeiro devastado, seco, onde a Baía de Guanabara desaparecera e seu fundo se cobrira de uma selva pantanosa, onde a considerável civilização técnica conseguida pelos brasileiros ao longo de mais de 400 anos desaparecera igualmente, deixando apenas os vestígios arruinados de uma cidade abandonada, onde os poucos homens que restavam viviam em tribos, numa vida semelhante aos seus remotíssimos antepassados de uma pré-história que parecia ter voltado

agora em forma de pós-história!

O chamado sudeste brasileiro e o Amazonas histórico já não existem. Cenas não raro dantescas atormentam o *Homo Sapiens*, cuja esperança maior é escapar do desespero. Restou uma enorme região degenerada, duvidosamente orgulhosa de ter sido um dia uma cultura, uma enorme charneca, ex-biosfera, ex-pulmão ecológico, devastado por antigos cultivos. Violentas cenas atormentam minha memória, entre elas uma ocorrida no espaçoporto carioca. O Rio de Janeiro era a gloriosa capital da Tríplice

Aliança quando irrompeu a Terceira Guerra Mundial. O desespero espalhou-se. A única esperança da humanidade passou a ser o buraco negro – a única suposta válvula de escape através do Tempo – a preferência dos matemáticos – uma espécie de túnel através do espaço e do tempo, conectando diferentes regiões do Universo, isto é, diferentes espaços e diferentes tempos.

Na tentativa derradeira, desesperada, de escapar do holocausto, fui o escolhido. Eu, de toda a gente! A razão?

Especificamente porque eu sofria da Síndrome da Falta de Atenção, uma disfunção na qual o indivíduo encontra dificuldade em concentrar permanentemente a sua atenção sobre uma determinada tarefa. Quando interrompia uma tarefa qualquer, era muito provável que eu me esquecesse do que quer que estivesse querendo fazer.

Sou, por isto, marcado pelas lembranças. Cheguei a acumular milhares de horas gravadas em áudio e em vídeo, armazenadas em CDs, arquivos e até guarda-móveis. Mas nada embaralhava tanto minhas

reminiscências quanto os momentos comuns, que me vinham à mente ao sabor da eventualidade. Quando, por exemplo, eu sentia atração por uma mulher qualquer, era certo que, em seguida, alienava-me do envolvimento emocional que um homem "normal" sentiria "normalmente".

"É dali que eu vim", repito-me. Passa-me pela cabeça uma série fantasmagórica de imagens vertiginosas, revejo minha vida agitada de viajante espacial, de cobaia e pioneiro das travessias no tempo. Eu era (Sou? Serei?) a única

forma possível de a humanidade obter alimentos, remédios e fontes de energia praticamente desaparecidos com a Terceira Guerra. Ah, como sinto saudade da minha infância, tempo em que os pais levavam os filhos para ver as espaçonaves decolarem!

Surgem-me outras imagens: mapas de navegação sideral; usinas atómicas, lançadeiras de foguetes, um domingo específico... O sol congelado, o cenário do espaçoporto e o rosto doce, sorridente e apaixonado de uma mulher. O rosto que vi naquele domingo permanece

entre as poucas imagens que guardo da época de paz. Será que realmente o vi? Ou terei inventado aquele momento de paz exterior, para contrabalançar a insana loucura global que se seguiria? Revejo o barulho súbito, o gesto da mulher, um corpo esmagado e os gritos da multidão no espaçoporto, assaltada de pânico. Tenho certeza de que vi então um homem morrer.

Na Panamérica, vigorava ainda o ainda neo-socialismo pós-moderno baseado na Doutrina de Gramsci-Bourdieu. Após a escalada vertiginosa do darwinismo social e a